

A ñ
é ß

STARTER STORY · PORTUGUESE · B2

O Afinador de Pianos

O Afinador de Pianos

Durante quase quarenta anos, o senhor Abel atravessou a cidade com uma mala de couro preta onde levava chaves de afinar, feltros, diapasões e rebuçados de eucalipto. Afinava pianos em salas de estar, em colégios, em salões de festas com poeira nos lustres. Dizia-se que tinha o melhor ouvido da cidade. Ele achava que tinha, sobretudo, a melhor paciência.

Havia, no entanto, um segredo que o acompanhava desde o primeiro dia, tão antigo que já quase não doía: o senhor Abel não sabia tocar piano. Sabia escalas, arpejos, os acordes soltos que o ofício exigia, e mais nada. A música, dentro dele, era como uma língua que compreendia perfeitamente mas nunca tinha aprendido a falar.

Ninguém suspeitava. Quando terminava um trabalho, os clientes pediam-lhe muitas vezes que tocasse qualquer coisa, para estrear a afinação. O senhor Abel sorria, olhava para o relógio e inventava um compromisso urgente. Ao longo de quarenta anos inventou funerais, comboios, consultas e uma tia doente que, a existir, teria batido todos os recordes de longevidade.

Não era vergonha, ou já não era só isso. Em rapaz, na terra dele, não havia dinheiro para aulas, e o piano do salão paroquial estava sempre fechado à chave. Aprendeu o ofício de afinador porque era o modo mais próximo de viver dentro da música sem lhe tocar. Depois o tempo passou, como passa, e a coragem foi ficando para o ano seguinte.

Naquela primavera, o senhor Abel decidiu que ia parar. O joelho protestava nas escadas, a filha insistia, e os afinadores eletrónicos multiplicavam-se nas lojas, aparelhos que ele olhava de lado, como quem olha para um género antipático. Marcou os últimos trabalhos para a última semana de maio. Eram sete pianos, espalhados pela cidade como sete despedidas.

O primeiro foi o piano de cauda do hotel Central, onde afinara o mesmo dó central através de cinco gerências e dois pequenos incêndios. O segundo, o piano da dona Estela, uma viúva que já não tocava mas afinava o instrumento todos os anos, dizia ela, para o caso de o marido voltar a passar pela sala. A essa senhora, o senhor Abel nunca cobrou o preço inteiro.

Na quarta-feira coube ao conservatório, onde os corredores cheiravam a resina e a nervosismo de exames. Enquanto trabalhava, ouvia através das paredes os alunos a repetirem passagens difíceis, uma e outra vez, com aquela obstinação que só as crianças e os relojoeiros conhecem. Pensou, sem amargura, que qualquer um daqueles miúdos de dez anos sabia fazer o que ele nunca soubera.

O último trabalho da lista era na velha escola de música do bairro, à sexta-feira. O senhor Abel guardava um carinho especial por aquela casa, com o seu piano vertical teimoso, que desafinava sempre para o mesmo lado. A diretora recebeu-o com café e com a notícia de que a escola ia entrar em obras. Tudo mudava ao mesmo tempo, pelos vistos.

Enquanto ele trabalhava, uma rapariga de uns nove anos sentou-se no chão do corredor, a olhar. Tinha uma pasta de partituras em cima dos joelhos e a expressão grave de quem espera pela sua aula. Chamava-se Rita. Perguntou-lhe se ele era o médico dos pianos, e o senhor Abel respondeu que sim, que era mais ou menos isso.

A Rita quis saber tudo: para que servia o feltro, porque é que as cordas graves eram enroladas, como é que ele sabia que uma nota estava doente. O senhor Abel deu por si a explicar o ofício como nunca o explicara a ninguém. A rapariga ouvia com uma seriedade total, de especialista para especialista.

Quando apertou a última cravelha e fechou a tampa, aconteceu o inevitável. A Rita pediu-lhe que tocasse qualquer coisa, para ver se o piano tinha ficado bom. O senhor Abel abriu a boca para inventar o compromisso número dez mil da sua carreira. Mas olhou para a cara da rapariga e, pela primeira vez em quarenta anos, disse a verdade.

«Não sei tocar piano», disse. «Afino pianos para os outros tocarem.» Esperou o espanto, talvez o riso. A Rita limitou-se a franzir a testa, como perante um problema de matemática interessante, e depois deu a sentença: «Então afinou pianos este tempo todo sem provar nenhum. Isso é como ser cozinheiro e nunca comer.»

O senhor Abel começou a rir e descobriu que não conseguia parar. Riu do compromisso urgente, da tia de longevidade recorde, dos quarenta anos de fugas pela porta da frente. A Rita, muito prática, abriu a pasta, tirou uma partitura amarrotada e pousou-a no piano. Era uma melodia simples, das primeiras que se aprendem, e ela declarou que lhe ensinava, porque não era difícil e ela própria já sabia desde março.

E foi assim que a diretora da escola, ao passar no corredor, encontrou o velho afinador sentado ao piano, com uma criança de pé a corrigir-lhe a posição dos dedos. O senhor Abel tocava mal, com a rigidez de quem construiu pontes durante décadas e de repente tem de as atravessar. Enganava-se, recomeçava, pedia desculpa às teclas. Estava, descobriu com surpresa, absolutamente feliz.

Tocou a melodia inteira duas vezes: a primeira com a Rita a apontar as notas, a segunda sozinho, devagar, como quem caminha no gelo. O piano, acabado de afinar, perdoava-lhe tudo. Quando terminou, a rapariga bateu palmas com um entusiasmo profissional e declarou que o piano tinha ficado ótimo e o aluno assim-assim.

Nessa noite, ao jantar, o senhor Abel anunciou à filha que ia ter aulas de piano. A filha pousou o garfo. Durante anos tinha-lhe sugerido viagens, clubes de xadrez, caminhadas para reformados, e ele respondera sempre que já não tinha idade para começar coisas. Perguntou-lhe o que tinha mudado. Ele respondeu que finalmente tinha provado a sopa.

Arranjou uma professora paciente, amiga da diretora, e comprou um piano vertical em segunda mão, que afinou ele próprio no dia da entrega, por princípio e por prazer. Estudava todas as manhãs, meia hora, com a disciplina de quem afinou sete mil instrumentos. Os vizinhos, ao princípio, pensaram que ele tinha netos a aprender música. Depois habituaram-se, como toda a gente se habitua a tudo.

Um ano mais tarde, na festa da escola de música, houve um número fora do programa. Um senhor de fato escuro sentou-se ao piano e tocou, sem nenhum brilho e sem nenhum erro, a melodia mais simples da noite. A Rita, na primeira fila, aplaudiu de pé. O senhor Abel levantou-se, cumprimentou o público e depois, por velho hábito, abriu a tampa e espreitou as cordas. O piano continuava perfeito, e agora, finalmente, estavam os dois afinados.

OQOU STARTER LIBRARY

This story is from oqou's free starter library, graded at B2 for Portuguese readers.

Read it interactively in the oqou app: tap any word for an instant translation, listen with natural narration, and carry your saved vocabulary into every story you read next.

oqou.app

[Download oqou on the App Store](#)

oqou •